

OS EXCLUÍDOS DE BRASÍLIA

Pesquisa revela que população de rua é composta também de trabalhadores e não apenas de mendigos

Anamaria Rossi
da equipe do Correio

A Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Distrito Federal concluiu há poucos dias uma pesquisa que pode mudar a imagem que os brasilienses têm da chamada "população de rua" da cidade.

O **Correio Braziliense** obteve com exclusividade o relatório da pesquisa, que não apenas identifica os fluxos migratórios vindos do Nordeste e, mais recentemente, do desenvolvido Sudeste, mas principalmente traça o perfil dos trabalha-

dores excluídos do processo econômico e condenados a morar ou trabalhar nas ruas.

"A maior parte da população de rua é composta de gente digna, não de mendigos", concluiu o coordenador da pesquisa, o antropólogo Jorge Morgan, da Gerência de Assistência Social da Secretaria.

"São trabalhadores obrigados a viver na rua que ocupam a cidade de uma nova maneira. Um grupo humano organizado com regras e características próprias", revela.

Objetivo — Segundo o secretário de Desenvolvimento Social, José Messias de Souza, o objetivo da pesquisa "não era fazer um censo, mas chegar ao perfil da população em situação de rua para orientar políticas direcionadas a ela".

Na sua avaliação, um dos dados mais surpreendentes é a quantidade de pessoas que vêm a Brasília em busca de emprego: 68,95%. Messias considera alto, ainda, o número de migrantes com expectativa de moradia — 27,74%.

Dos condenados a viver nas ruas, 66,82% sobrevivem da mendicância e apenas 33,18% são os chamados "trabalhadores de rua" — catadores de papel, latas e garrafas; lavadores e guardadores de carro.

Com base nos dados da pesquisa, o secretário entregou ao governador Cristovam Buarque, esta semana, um projeto propondo a atuação conjunta de várias secretarias para mudar o trabalho assistencial.

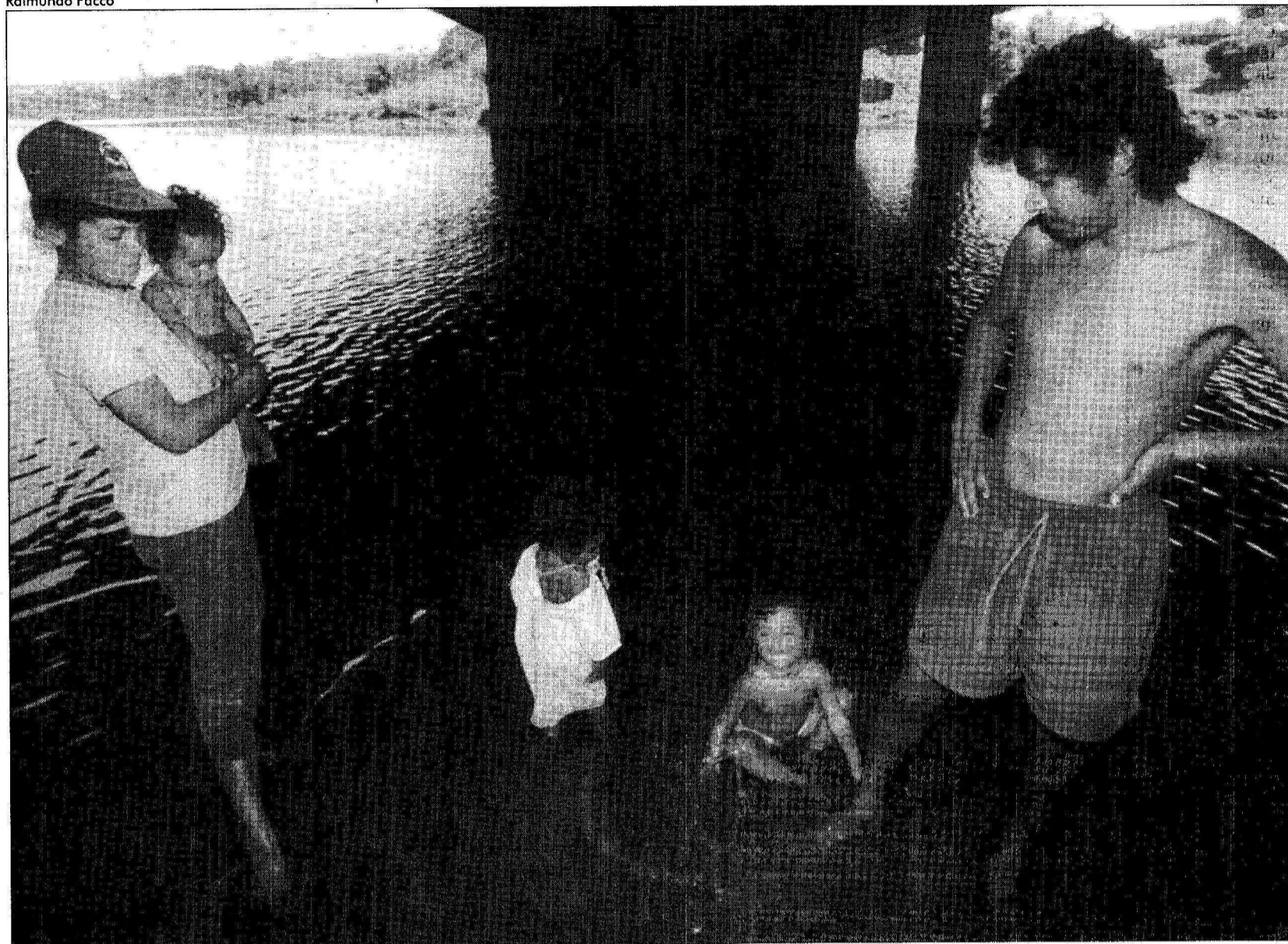
"Pretendemos levantar as potencialidades dessas pessoas e colocá-las em contato com oportunidades do mercado, associando o banco de dados da assistência ao do Sine (Sistema Nacional de Emprego)", antecipa.

Segundo ele, as iniciativas assistenciais "não resolvem o problema econômico, mas asseguram condições mínimas de dignidade para quem tem na rua a sua estratégia de sobrevivência".

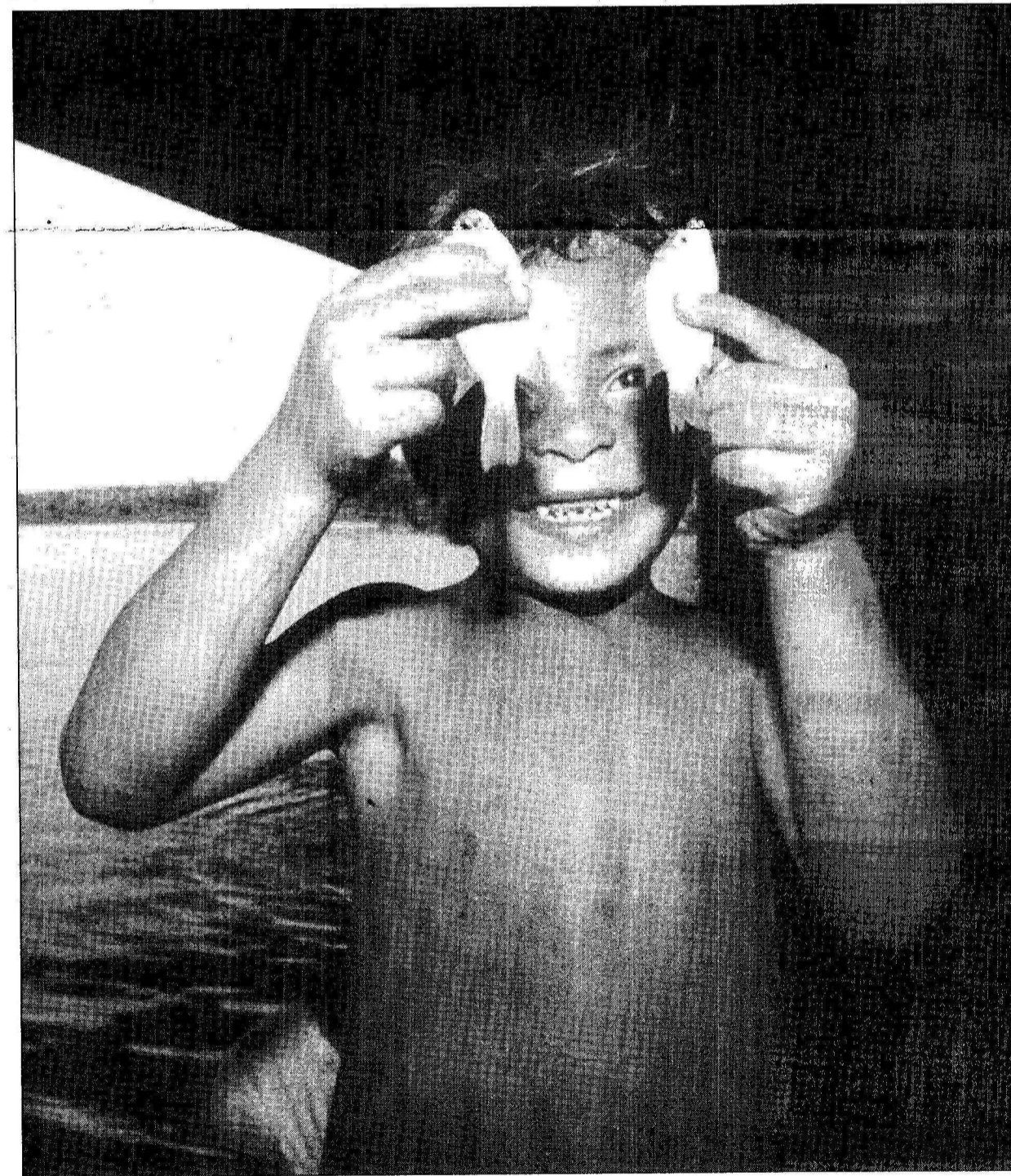
O governador Cristovam Buarque garante que a política central de sua gestão é "acabar com a exclusão social com uma política não assistencialista".

Quase 70% dos migrantes chegam em busca de empregos

Raimundo Paccó



Os alógaños Maria Cícera, 21 anos, e André da Silva, 24, moram com os quatro filhos ao lado da Ponte do Bragueto, no Lago Norte, há mais de um ano



Ricardo, o filho mais velho, foi o único que não nasceu nas ruas de Brasília. Aos sete anos, pesca para comer

PERFIS

Mendigos — Desempregados há mais de cinco anos, moram na rua, não têm renda, sobrevivem de esmolas e pequenos furtos e se alimentam sem regularidade. São alfabetizados mas não têm profissão. Possuem família em Brasília e conhecem a cidade e os serviços de assistência social. Preferem a Asa Sul.

Mendigos ocasionais — Homens solteiros e sem filhos, migrantes recentes (Norte e Nordeste), desempregados há um ou dois anos. Têm entre 18 e 25 anos e são lavadores e analfabetos. Moram na rua de dois meses a um ano, sempre procurando trabalho. Refeições irregulares.

Trabalhadores de Rua — Mulheres casadas, que têm entre 25 e 40 anos. Moram no Entorno ou nas cidades do DF, algumas já contempladas com lotes. Sobrevivem de esmolas que obtêm com a ajuda dos filhos (entre dois e quatro por família). Muitas são alfabetizadas. Ex-domésticas desempregadas há pelo menos seis meses. A maioria veio do Nordeste e Centro-Oeste. Fazem de duas a três refeições por dia e usam os serviços assistenciais e hospitalares públicos, sobretudo no pré-natal.

Mulheres Migrantes Recentes — Casadas ou vivendo em concubinato, com três ou quatro filhos, têm entre 17 e 35 anos, vieram do Nordeste, são analfabetas e não têm profissão. Moram nas ruas, fazem refeições regulares, mas desconhecem qualquer tipo de atendimento médico ou assistencial. Estão há quatro ou seis meses em Brasília e vivem de esmolas, enquanto seus maridos/companheiros coletam alimentos no Ceasa e outros pontos.

Homens Migrantes Recentes (periódicos) — Casados, deixam família no local de origem (Nordeste) e vêm em busca de trabalho e moradia. Têm entre 30 e 50 anos, são lavadores alfabetizados, desempregados há mais de seis meses. Vivem nas ruas ou no Centro de Assistência Social de três a seis meses. Conhecem a estrutura médica e assistencial do Distrito Federal.

Famílias Migrantes Fixas — Homens e mulheres na faixa dos 25 aos 35 anos, com filhos menores de 10 anos, analfabetos e sem profissão urbana. Procuram Brasília para obter moradia ou por motivos de saúde. Não têm renda. Desempregados há dois anos ou mais, vivem da mendicância. As mulheres e os filhos pedem esmolas e os homens fazem biscoitos (vigiam e lavam carros, catam papel e latas). Moram na Asa Norte, Sobradinho e Núcleo Bandeirante e usam os serviços de saúde pública. Querem acumular ganhos financeiros e bens eletrônicos para retornar ao local de origem.

OS NÚMEROS DOS SEM-CASA

PLANO PILOTO
■ Entrevistados: 529 adultos (com 410 crianças)
■ Idade predominante: 18 a 38 anos
■ Busca: emprego (71,6%), moradia (21%) e saúde (7,4%)
■ Mendicância: 70%
■ Ocupações: catar papel, vigiar e lavar carros
■ Naturalidade: Bahia (22%) e Pernambuco (12%)
■ Procedência: Bahia (26,3%) e Pernambuco (8,5%)
■ Instrução: 34% de analfabetos; 29% têm primeiro grau incompleto.
■ Alimentação: incerta para 45,56%; 10% fazem duas refeições por dia; 6,6% se alimentam no lixo; 18,91% no Sopão e 17,4% compram comida; 1,32% têm almoço e jantar.

SOBRADINHO
■ Entrevistados: 81 adultos (com 126 crianças)
■ Idade predominante: 18 a 43 anos
■ Busca: emprego (51,9%), moradia (43,2%) e saúde (4,9%)
■ Mendicância: 49,4%
■ Ocupações: artesanato, vigiar e lavar carros
■ Naturalidade: Bahia (34,6%) e Pernambuco (14,8%)
■ Procedência: Bahia (35,8%) e Pernambuco (21%)
■ Instrução: 43,21% de analfabetos; 30,8% com primeiro grau incompleto; 7,4% com primeiro grau completo; e 9,8% com segundo grau incompleto.
■ Alimentação: incerta para 33,3%; 27% comem duas vezes ao dia; 3,7% se alimentam no lixo e 49,4% pedem comida nas casas.

NÚCLEO BANDEIRANTE
■ Entrevistados: 47 adultos (com 87 crianças)
■ Idade predominante: 18 a 38 anos
■ Busca: emprego (68,1%), moradia (21,3%) e saúde (10,6%)
■ Mendicância: 57,4%
■ Ocupações: catar papel e vigiar carros
■ Naturalidade: Bahia (38,3%), Minas Gerais (17%), Goiás (8,5%) e São Paulo (6,38%)
■ Procedência: Minas Gerais (23,4%), Bahia (21,3%), São Paulo (14,9%) e Rio de Janeiro (10,6%)
■ Instrução: 42,55% de analfabetos; 40,43% têm primeiro grau incompleto.
■ Alimentação: incerta para 59,6%; 10,6% se alimentam no lixo; 57,4% pedem nas casas.